

**O ESPAÇO ESCOLAR E A MÚSICA:
O PROJETO “SONS DAQUI, SONS DO MUNDO” TECENDO POSSIBILIDADES**

*Alcione da Luz Feitosa
Ângela Maria Cabral da Cunha Medeiros
Carla Regina dos Santos
Juliana Moraina Oliveira de Moraes
Kátia Cirleyde da Silva
Kenny Alessandra Lopes Pereira Yukawa
Laís Carolina de Arruda
Lúcia Félix da Silva
Márcia Cunha Peroba
Márcia Voltolini dos Santos
Marta Izabel Prado de Arruda Sales
Maura Flávia de Almeida Lobo
Priscila Karen Pereira Leite
Shirley Regina de Sales
Teresinha de Jesus Conceição Souza
Wellington Palhielo Saad Vital*

Escola Sesc Pantanal
escola@sescpantanal.com.br

Resumo: O presente artigo apresenta uma indagação feita pelos professores da Escola Sesc Pantanal, “é possível o professor trabalhar a música na escola sem ter formação acadêmica”? Para responder a essa interrogação, o caminho foi articular a formação continuada – estudo de teorias e conhecimento de práticas de educação musical ao projeto: “Sons daqui, Sons do mundo”. A partir de então, descobrimos que é possível aos educadores musicais tornar a música acessível no espaço escolar.

Palavras-chave: *professor, formação, música.*

Introdução

A obrigatoriedade do ensino musical nas escolas de Educação Básica se tornou uma preocupação entre os docentes. Como ministrar o ensino de música, com muitas músicas, sem possuir “qualificação acadêmica” específica?

Após algumas formações via IP. TV¹ e em serviço, nossa equipe decidiu que era o momento de pensar em um projeto que contemplasse todos os nossos discentes. O projeto “Sons daqui, Sons do mundo” foi desenvolvido com o objetivo de trabalhar a música de uma forma lúdica e criativa. *“Ao mesmo tempo em que o projeto acontecia, a equipe dedicava-se a estudos, formações, rodas de conversa e trocas de experiências”*, diz uma das professoras da escola.

Acreditando que a música possa abrir portas mais amplas de acesso à cultura, a equipe pensou nesta proposta, para que a partir da vivência de diversos elementos musicais, o ensino de música seja dinâmico, norteado por objetivos, conteúdos e estratégias, fazendo com que seja realmente merecedor de estar incluído no âmbito curricular desta instituição escolar. Desta forma proporcionamos um ambiente em que a família, a escola e sociedade tenham um amplo acervo musical.

As primeiras experiências com a música na escola surgiram a partir de fevereiro de 2014. Apresentamos a seguir algumas informações sobre como se deu a construção do projeto e seus principais desdobramentos até o momento.

“Sons daqui, sons do mundo”

O princípio do direito universal da educação para todos está contemplado na LDB 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo então Ministro da Educação, Paulo Renato, em 20 de dezembro de 1996. A Lei, em seu Art. 26, § 2º deixa claro que, “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o

¹Internet Protocol Television

desenvolvimento cultural dos alunos”. Como complemento, a Lei 11.769/2008 que delinea as perspectivas para o ensino da música nas escolas, focalizando especialmente as possibilidades de expansão da música com os alunos, prevendo os desafios que esta prática implica.

Define-se a obrigatoriedade do ensino da música, subentendendo-se que a música, bem como as demais áreas de conhecimentos, deverá ser conteúdo do currículo nas escolas públicas e que todos, sem distinção alguma, terão oportunidade de aquisição do conhecimento musical de forma sistemática, embora cientes de que, como as demais disciplinas, o aprendizado da música neste estágio não habilita os estudantes à prática profissional da área.

Apesar dessa nova condição, a música na educação brasileira ainda é vista como um “tapa buracos”, um recurso usado quando não é possível cumprir o planejamento ou em momento de espera na troca de atividades, esquecendo-se que a música tem tanto valor quanto as outras disciplinas.

Segundo Kater (2011, p.42) “Por que Música na Escola? : algumas reflexões”:

Não estamos mais, hoje, diante da dúvida música, luxo ou necessidade? Nem tampouco na época em que os educadores musicais constrangidos precisavam justificar o sentido de utilidades de seu fazer face aos objetivos escolares consagrados, ou encontrar seu lugar dentro da escola e da própria equipe docente.

A partir da implantação da lei, vieram as preocupações: como ensinar música se não temos nenhuma formação musical? Por onde começar? Que tipo de música ensinar?

O fazer musical pedagógico com compromisso, difere das experiências e vivências do contexto escolar. Entende-se então que a escola é espaço de formação, de conhecimento e de liberdade. Pensando assim, as formações são aliadas importantíssimas na apropriação de aprendizagem para o professor e para o aluno, como nos aponta Fonterrada (2008, p. 96):

A música é uma atividade complexa, que requer o uso de muitas capacidades, físicas, mentais, sensíveis, emocionais. Mas a despeito disso, pode ser também, extremamente simples; por esse motivo, é acessível a todos que queiram dela se acerrar, independentemente de faixa etária e grau de conhecimento formal.

Os embasamentos teóricos são fundamentais e necessários, mas, de antemão é preciso descobrir e valorizar o universo musical em que o aluno está inserido.

Alimentados por essa e outras questões, conforme mencionamos na introdução do texto, elaboramos em conjunto o projeto “Sons daqui, Sons do mundo”, compreendendo o período do ano letivo de 2015. Ele contempla atividades regulares desenvolvidas por uma equipe de dezesseis professores com diferentes graduações: doze com formação em Pedagogia, dois em Letras, um em Língua Portuguesa e um em Educação Física.

O planejamento é elaborado contemplando um conjunto de atividades com ampla gama de objetivos, desde a vivência musical, jogos de mão, percussão corporal, construção de instrumentos, etc. As aulas do projeto ocorrem durante a semana de acordo com o planejamento do professor, o tempo da atividade geralmente é em torno de quarenta minutos à uma hora, mas esse período não é estanque, podendo ser prolongado ou não; tudo depende dos encaminhamentos e da receptividade dos alunos.

As experiências musicais

Os jogos musicais são bons exemplos para trabalhar a música na escola e muitos deles são do conhecimento das crianças. A música Escravos de Jó foi bem explorada pelas turmas. Os jogadores se sentaram em círculo, cada um com o seu copo na mão, com a incumbência de passá-lo ao colega da sua direita em uma coreografia de vai e vem, seguindo o ritmo da música.

Escravos de Jó jogavam caxangá (os jogadores vão passando os copos um para o outro do lado direito, de forma que cada jogador fique sempre com um copo só)
Tira, (cada um levanta o copo que está em suas mãos)
põe, (colocam o copo de novo no chão)
deixa ficar(apontam com o dedo para o copo no chão)
Guerreiros com guerreiros(voltam a passar o copo para a direita)
fazem zigue, (colocam o copo na frente do jogador à direita, mas não soltam)
zigue, (colocam o copo à frente do jogador à esquerda, mas não soltam)
zá(colocam o copo à frente do jogador à direita novamente).

Essa brincadeira estimula o ritmo, a memória, a linguagem, a coordenação motora, a cooperação e atenção. Para que ela funcione satisfatoriamente, é necessário que as crianças estejam familiarizadas, não apenas com a música, mas com a sua letra também.

Santos² (2015. p.62, 63) ressalta que o jogo de exercício (ou jogo sensório-motor) se investe no som: o sujeito é impactado pelo som, pela qualidade do sonoro. São jogos de repetição, variação e contraste (de um gesto musical qualquer) que favorecem a aquisição de esquemas e automatismos.

A escola é lugar dessas infâncias e culturas infantis produzidas em meio às máquinas, tecnologias e pessoas, misturando gerações de sujeitos. Na música e nas atividades espontâneas da criança existem três formas de jogo: o jogo de exercício (sensório-motor), o jogo imaginativo (simbólico, imitativo) e o jogo de regra (DELALANDE,1995). No jogo de exercício (ou jogo sensório-motor) se investe no som: o sujeito é impactado pelo som, pela qualidade do sonoro. São jogos de repetição, variação e contraste (de um gesto musical qualquer) que favorecem a aquisição de esquemas e automatismos. No jogo imaginativo (simbólico, imitativo) impera a lógica do faz de conta. Ele está ligado à construção de personagens e estórias, a sentidos e protocolos coletivos ou remissões de um sujeito (suas idiosincrasias). Envolve um iconismo musical: a música pode suscitar imagens de cavalos, pássaros, água etc. O caráter marcial das canções pode evocar um espírito guerreiro e destemido (o mesmo ocorre com a sonoridade dos temas dos “grandes heróis”, nos filmes infantis). O jogo imaginativo está na prática de canções e jogos falados que geram gestos rítmicos e sonoros experimentados nos materiais, nos instrumentos e no corpo.

No jogo com regras intuídas, está em evidência que cada cultura musical tem sua regra, convenção, gramática que é incorporada intuitivamente. O jogo musical pode se fazer a partir de regras implícitas ou explícitas, combinadas antes ou durante o jogo, acordadas no grupo ou em função de intervenções pedagógicas no brincar. Jogo como brincadeira infantil é sempre lugar de desafio, surpresa, decisão e negociações. É intrinsecamente motivado: tem

²Doutora em Comunicação, mestre em Educação e bacharel em Piano (UFRJ), licenciada em Música (UNIRIO), realizou estudos sistemáticos com Koellreutter. Organizadora do livro Música, cultura e educação: os múltiplos espaços de educação musical (2011, 2012)

finalidade em si, é coisa séria. Como podemos construir um espaço entre o jogo e as atividades dirigidas, uma intervenção não destrutiva na brincadeira, criar pontes entre essas duas atividades que podem se enriquecer mutuamente? Essa é a questão principal para Brougère (1998, p. 5, 7).

Como artefato pedagógico, vários jogos cantados, advindos da cultura popular, estão presentes no cotidiano infantil, com significados culturais diversos e como ferramentas no desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor da criança.

O estudo sobre “Sons Alternativos” foi uma proposta pensada para que as crianças descobrissem que é possível obter sons através do corpo, de objetos do cotidiano e da natureza. Nesta perspectiva outras observações surgiram: Som e barulho têm o mesmo sentido? Ou depende de quem ouve? Propostas de pesquisas, vídeos e experiências contribuíram para distinguir som e barulho.

Como inspiração, os vídeos dos Barbatuques³ e Stomp⁴ entre outros serviram e ainda servem de motivação e desafio à capacidade de percepção e reprodução de alunos e professores. “As batidas de palmas tomam conta dos corredores da escola”, os alunos começam a reproduzir coreografias com sintonia aos diversos sons vivenciados no cotidiano.

As propriedades sonoras como objeto de estudo: som fraco, som forte, grosso, fino, curto e longo, proporcionaram grandes descobertas pelas crianças. Entre uma proposta e outra, a prática da escuta e do ditado sonoro favorecem a compreensão da paisagem sonora. Cada professor planejou uma dinâmica para este estudo. A professora do 5º Ano conta como foi a experiência dos alunos ao fazer a primeira avaliação das propostas de música.

Os alunos ouviram alguns sons do cotidiano e tentaram identificá-los. Foi um ótimo exemplo para discutirem a questão do timbre, pois cada objeto, animal ou pessoa tem o seu próprio timbre e isso que os tornam diferentes. A seguir, ouviram novamente os sons, mas, com o objetivo de compará-los: se era forte ou fraco, curto ou longo, grave ou agudo.

³ É um grupo brasileiro de percussão corporal que propõem, sobretudo, fazer música a partir do batoque com o próprio corpo, como palmas, batidas no peito, estalos com os dedos e a boca, assobios e sapateados, resultando ritmos do samba ao rap.

⁴ Grupo inglês criado em 1991, que utiliza objetos visuais do cotidiano como fontes sonoras, produzindo, em conjunto com jogo de cena, um espetáculo musical.

Segundo a professora os alunos descobriram que a percepção sonora é muito abrangente, pois envolve todo e qualquer efeito sonoro, podendo ter as mais variadas origens, porém, precisamos de muita sensibilidade para exercitar uma escuta mais refinada.

Os objetos usados no dia a dia, tais como: copo, tampa de panela, panela, latas de tintas, tampinhas e outros objetos servem de experimento, de produção sonora. A confecção de instrumentos não convencionais pelas crianças -como, por exemplo, bexigofone, tambor oceânico, chocalho, pandeiro, violão, foi um importante passo para o desenvolvimento amplo da percepção.

Através de situações reais e imaginárias os instrumentos por elas produzidos foram usados para a descoberta dos sons que as rodeiam e conhecimentos básicos da estrutura musical. A interação, cooperação, imaginação, criatividade, alegria, descontração foram perceptíveis nesses momentos. A busca de novos conhecimentos permitiu trabalhar a música, que é um direito de todos, de forma a proporcionar momentos de apreciação, reprodução e criação.

Tais experiências levaram alunos e professores a constatar que a música está presente no nosso cotidiano, embora muitas vezes não prestemos suficiente atenção. Apesar da musicalidade das crianças já vir sendo trabalhada na nossa escola há algum tempo, seus objetivos ainda não eram para nós suficientemente tratados e explicados. A partir desta realidade, resolvemos suprir essa lacuna e incluir todas as crianças nesse processo. Para a escrita do projeto vários encontros foram realizados. As discussões em torno do assunto foram produtivas; dúvidas também surgiram a exemplo: *“Como propor uma atividade na qual meus alunos possam desenvolver a escuta, a interação, a exploração do universo musical”?* Essa preocupação destacada tornou-se um ponto de partida para que todos buscassem mais conhecimentos e informações. Se a intenção de todos é que cada aluno aproprie-se da música como linguagem e saiba utilizá-la em diferentes situações, assim como desenvolva a escuta e o reconhecimento de diversas características do som e amplie sua experiência musical, é imprescindível que haja uma interação entre conteúdos, espaços, o fazer do aluno, o fazer do

professor, o envolvimento da família e comunidade, além de uma avaliação adequada do trabalho.

A equipe decidiu então organizar os conteúdos por bimestres, para que houvesse uma aprendizagem sistemática. Muitos espaços foram explorados no desenvolvimento das propostas: salas de aula, sala multiuso, pátio, bosque, corredores da escola, salão social. Circular pelos espaços, fazer uso, vivenciar experiências musicais faz com que a criança adquira sentimento de pertencimento de igualdade e respeito pelas diferenças humanas e culturais.

O envolvimento das famílias com o projeto muito contribuiu com as crianças. Em colaboração os pais fizeram uma retrospectiva dos jogos musicais e cantigas de roda de suas infâncias, a pesquisa sobre o gosto musical revelou as preferências das famílias. O convite da turma para os pais musicistas vir até a escola e contar na roda de conversa como aprendeu a tocar instrumentos convencionais, foi revelador e emocionante. Nesse momento as crianças tiveram a oportunidade de ver a apresentação de uma educadora musical tocando violão. Elas espontaneamente acompanharam a música com uma performance marcada por movimentos corporais, alegria e entonação. Ela afirma que *“a vivência musical é imprescindível dentro da escola”*.

Uma professora da Educação Infantil, conta sobre um trabalho realizado com sua turma. *“Comecei levando a história Tem Gato na Tuba para as crianças. Ela conta a trajetória de uma banda musical que tocava aos domingos em um coreto do jardim. Certo dia entrou um gato na tuba do Serafim e mudou toda a história. Depois pensei que poderia aproveitar esta contação para trabalhar com a música, priorizando os conteúdos: musicalização, movimento e expressão, escuta musical e apreciação. Organizei todos os materiais necessários: a bandinha da escola, o espaço da sala multiuso e outros recursos necessários. Então recebemos a ilustre visita de uma educadora musical. Ela apresentou a clarineta um instrumento de sopro e mostrou como é usado. O momento foi de pura diversão, alegria e movimento. As crianças tocaram os instrumentos da escola, junto com ela, cantaram fazendo a coreografia e a onomatopeia do animal. Foi muito relevante verificar a participação ativa delas, a escuta e a*

percepção obtida aos diferentes sons que os instrumentos emitiam. Fora o imenso prazer de ouvir e cantar uma música bem legal!”

O revelador depoimento da professora, contando alguns recortes do seu trabalho com a música na Educação Infantil, serve como prelúdio para as nossas reflexões.

Ao propor um trabalho com a música a partir de uma contação, (resgatando um tema carnavalesco de 1948) ela possibilitou oportunidades ímpares às crianças. O entendimento que elas fizeram do som enquanto fenômeno sonoro, a experiência da reprodução de fonemas ou palavras ao cantar a música, a presença dos movimentos das cordas vocais, o ritmo marcado pelas palmas e o movimento do próprio corpo, a apresentação de um instrumento até então desconhecido por todas e a oportunidade de ver alguém com um conhecimento acadêmico tocando-o. Todas essas relações são permitidas à criança a partir das experiências musicais. Dentro do universo da contação de histórias e da música as onomatopeias podem ser exploradas sem restrições; ruídos, gritos, sons da natureza, canto de animais, barulho de motores e outros. O timbre é outro elemento importante, pois diz respeito à qualidade do som, é o que dá um caráter único e particular a ele, (por isso a característica que nos faz reconhecer a voz de alguém muitas vezes é o timbre; mesmo quando varia na intensidade, na altura, ou na duração da fala).

Então, é possível ao professor atento e criativo desenvolver um conjunto de abordagens que contemple o tema escolhido. Esse trabalho pode gerar sensações, sentimentos de descoberta, alegria, prazer e proporcionar outros estímulos. Essa relação que cada criança constrói só é permitida a partir da sua experiência musical, principalmente a sinestésica através da percepção auditiva – música e movimento.

O professor sensível e atento às aprendizagens será sempre cuidadoso ao verificar as descobertas, as habilidades e competências das crianças no campo da música.

No início dos trabalhos é essencial que cada professor observe as crianças e identifique o que elas sabem, conhecem, para propor conteúdos dessa área. E no decorrer do período tais conteúdos servirão como parâmetro para o acompanhamento das aprendizagens. É o que

recomenda a nossa Proposta Pedagógica “sempre avaliar o aluno com relação a si próprio,” ou seja, “considerar o seu ponto de partida e as conquistas realizadas a partir de então”.

Considerações finais

Destacamos uma investigação sobre o gosto musical das famílias. O resultado serviu para validar as nossas impressões, a preferência pela música sertaneja. Os resultados confirmaram as peculiaridades da nossa comunidade; pela cidade situar-se em áreas próximas a chácaras, sítios e fazendas, tendo como característica marcante o modo de vida do homem do campo, constatamos a preferência por este gênero musical.

Em 2016, resolvemos abordar outro viés da música com raiz na cultura, nos permitindo entender que não basta cantar e interpretar alguns instrumentos e sim, que é preciso explorar a diversidade que a música propõe, como por exemplo: a culturalidade, as brincadeiras de roda, o gosto musical, os movimentos e expressões corporais, sons do cotidiano, jogos cantados, sons alternativos, entre outros.

A música na escola está sendo desenvolvida gradativamente, com experiências realizadas com as nossas crianças. Sentimos a necessidade de estarmos sempre buscando outros saberes e valores.

O ensino de música hoje faz parte do currículo e do processo didático de nossa escola. Dentro desta perspectiva, é necessário que o professor viabilize seu processo de aprendizagem pensando nele e no seu aluno como sujeitos produtores de cultura, capazes de transformar, sensibilizar e humanizar, pois, a música contribui para aquilo que os especialistas chamam de “ambiente sensorial rico” do qual todos nós fazemos parte.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Presidência da República. Brasília. Disponível em: www.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-1/leis-ordinarias/legislacao-1/leis-ordinarias/1996#content/96. Acesso em: 01 ago. 2015.

BROUGÉRE, Gilles. O que é brincadeira? Gisela Wajskop entrevista BillesBrougére. Revista Criança, Brasília, DF, n. 31 p. 3-9, 1988.

FONTEERRADA, Marisa. A música na escola. In: JORDÃO, G., ALLUCCI, R., MOLINA, S., TERAHATA, A. (Coord.) A Música na Escola. SP: 3D3 / MinC, 2011, p.96-100.

KATER, Carlos. “Porque Música na Escola?: algumas reflexões”. In: JORDÃO, G., ALLUCCI, R., MOLINA, S., TERAHATA, A. (Coord.) A Música na Escola. SP: 3D3 / MinC, 2011, p.42-45.

SANTOS, Regina Marcia Simão, 2015, p. 62-63 In: Música na escola: caminhos e possibilidades para a educação básica. – Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015. 380 p.: 23 cm. – (Educação em rede; v. 4)